



## UM OLHAR SOBRE A EPÊNTESE NA AQUISIÇÃO FONOLÓGICA

por Ananda Ramos

### *Introdução*

Aquisição fonológica é o processo pelo qual as crianças adquirem a linguagem. Normalmente, esse processo respeita etapas que devem ser atingidas espontaneamente e dentro de uma determinada faixa etária. Findado este processo, o domínio do sistema fonológico pela criança está pleno (Lamprecht 1999).

Espera-se que a criança inicie a aquisição da linguagem com as vocalizações e o balbucio para então, com um ano e dois meses de idade, iniciar a aquisição das vogais. Este processo é finalizado com a aquisição do *onset* complexo (OC), aproximadamente aos cinco anos de idade.

Quando estudamos o processo de aquisição fonológica, vemos que determinados fonemas não são simplesmente adquiridos. Em geral ocorrem três etapas que estão direta e intrinsecamente relacionadas: a de aparecimento, a de variação e a de aquisição plena do fonema. As etapas de aparecimento e variação podem ser exemplificadas quando o som ora aparece no vocabulário da criança, ora é substituído ou apagado. A última etapa é caracterizada pela aquisição completa do fonema.

É nesse percurso que aparecem os processos fonológicos, estratégias de reparo utilizadas pelas crianças na impossibilidade de produzir a fala complexa da comunidade linguística em que vivem.

O aparecimento destes processos é esperado e considerado normal se permanecer por um período limitado e for gradativamente substituído pelo fonema esperado na idade adequada. Para Spíndola et. al. (2007), a ocorrência destes deve estar presente nas primeiras fases do desenvolvimento linguístico e ser superada à medida que a criança ganhar domínio de sua língua.

Yavas (1998) sugere que é generalizadamente aceito que padrões de simplificações de crianças se enquadram em um dos três seguintes grupos: 1) processo estrutural silábico que modifica a estrutura silábica de palavras pronunciadas pelos adultos; 2) processo de substituição em que há a troca de uma classe de sons por outra; 3) processo de assimilação em que um som torna-se mais parecido com o outro.

Deste modo, se vê a necessidade do conhecimento científico pelos fonoaudiólogos para que compreendam a formação da estrutura complexa, suas variações durante a aquisição e estratégias de reparo utilizadas pelas crianças.

Na tentativa de verificar a ocorrência de alguns processos mais específicos durante a aquisição fonológica normal, este trabalho tem com foco a aquisição do OC em padrões típicos. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo buscar a resposta para duas perguntas: É possível verificar a ocorrência da epêntese durante o processo de aquisição fonológica normal? Se sim, por que este fenômeno ocorre?

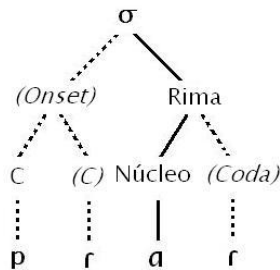
### *Desenvolvimento*

A formação dos itens lexicais da língua é regida pela organização em sequência dos fonemas para formar as sílabas. A aquisição do OC demanda mais habilidade com os fonemas, pois ele representa uma sílaba complexa, constituída por duas consoantes e uma vogal.

Conforme Matzenauer (2004), a sílaba deve ser composta obrigatoriamente por um núcleo, sendo o *onset* e a *coda* elementos adicionais e facultativos. Segundo a abordagem métrica, a estrutura desta sílaba é representada da seguinte maneira:

## Figura 1

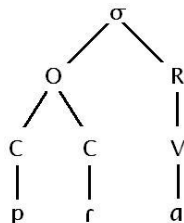
### Sílaba do Português Brasileiro



O OC no português respeita uma sequência organizada de fonemas. Na posição de  $C_1$ , os fonemas que poderão ocupar tal *slot* são as plosivas ou fricativas labiais, e, em  $C_2$ , apenas as líquidas /r/ e /l/ poderão ocupar tal posição.

## Figura 2

### Onset Complexo



Portanto, os grupos consonantais permitidos no português são: /pr, pl, br, bl, tr, tl, dr, kr, kl, gr, gl, fr, fl, vr/. Ribas (2004) refere que ao estudar a aquisição do OC verificou que entre essas possibilidades, há preferência por determinados encontros consonantais, também verificados por Albano (2001), sendo “tr” o grupo mais atrativo, “pr” e “br” em segunda posição e “dr” como o grupo mais evitado.

Embora haja uma preferência por determinados grupos, estudos demonstram que não há uma ordem para a aquisição do OC, sugerindo que um ou outro, /r/ ou /l/, possa surgir primeiro na posição de  $C_2$ .

Alguns estudos, como os de Teixeira (1997), Freitas (1997) e Fikkert (1994), referidos por Ribas (2004), defendem que o processo do desenvolvimento do OC segue uma ordem que inicia com a nenhuma realização do OC, partindo-se para a realização apenas da líquida que ocupa C<sub>2</sub>, seguido da realização correta. Além disso, a criança pode passar por estágios intermediários, realizando a semivocalização das líquidas.

Em contrapartida, Ribas (2002) relata que o modo como as crianças particularmente lidam com o alvo é exemplificado na estratégia de reparo. A autora defende a idéia de que não há um consenso para esta aquisição, pois fica evidente que são diferenças individuais de cada sujeito e que irão realizar a estratégia de reparo que mais lhes convier.

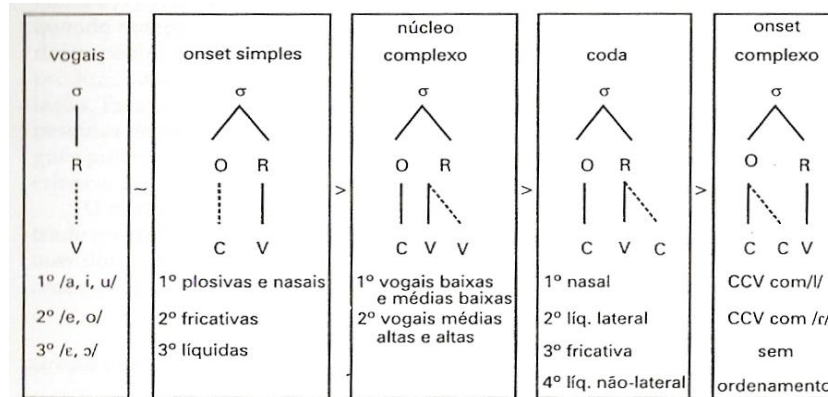
Espera-se que a aquisição segmental e a de todas as estruturas silábicas esteja concluída até os 4 anos, exceto o OC, que vai alcançar a estabilidade no sistema somente um ano depois. Assim, tem-se a seguinte ordem de aquisição: CV >> CVV >> CVC >> CCV (Lamprecht, 1990, *apud* Ribas 2004).

Poderíamos ainda esperar que a aquisição do OC se estabelecesse primeiramente com a líquida lateral /l/, já que esta é adquirida antes dos dois anos e oito meses de idade em *onset* absoluto e aos três anos em *onset* medial, sendo que a aquisição do /r/ em *onset* medial é verificada aos quatro anos e dois meses. Mas isso não é comprovado nos estudos aqui citados, demonstrando uma grande variação entre os sujeitos.

A figura abaixo ilustra a aquisição de segmentos silábicos, segundo Ribas (2004), na qual as linhas pontilhadas representam o que está sendo adquirido.

**Figura 3**

Esquema Ilustrativo da Aquisição de Segmentos nas Posições Silábicas



Ribas (2004), p. 158.

Entre as estratégias mais utilizadas durante a aquisição do OC, Ribas (2004) descreve por ordem de frequência as ocorrências observadas, conforme tabela abaixo:

**Tabela 1**

Estratégias de reparo usadas entre as idades de 1 ano até 5 anos e três meses

| Estratégias                                | Exemplos                |
|--|-------------------------|
| Substituição de líquida                    | prato → [ˈplatu]        |
| Metátese                                   | cobra → [ˈkɔrba]        |
| Substituição de obstruente                 | pedra → [ˈpɛwka]        |
| Epêntese                                   | trem → [ˈtɛrɛj]         |
| Semivocalização                            | bloco → [ˈbwɔku]        |
| Apagamento dasílaba CCV                    | travesseiro → [viˈsɛru] |
| Coalescência                               | trem → [ˈsɛj]           |
| Assimilação (traço da obstruente seguinte) | estraga → [isˈkaga]     |
| Assimilação da coda nasal                  | brinca → [ˈmĩnka]       |
| Metátese das plosivas                      | dragão → [gaˈdɔw]       |
| Produção de C <sub>2</sub> V               | bicicleta → [biˈlɛta]   |
| Produção de V                              | procurar → [okuˈja]     |

Ribas (2004), p. 156.

As estratégias observadas no quadro acima mostram uma grande utilização de recursos cujo alvo é C<sub>2</sub>, modificando a estrutura silábica ou apagando-a.

A epêntese, estratégia de reparo pela qual há a inserção de um fonema, neste caso, na sílaba complexa, passando de CCV → CVCV, caracteriza uma simplificação que pode ser observada nos dados de Ribas (2002), sendo sempre a vogal inserida uma cópia da vogal original da sílaba complexa, conforme demonstra o exemplo: (prato) → [paɾatu].

### *Método*

#### **1. Dados do Sujeito**

Este relato de caso constituiu-se do acompanhamento do desenvolvimento fonológico de uma criança do sexo masculino com idade entre três anos e cinco meses até três anos e sete meses, não frequentador de escola.

Os responsáveis pelo sujeito foram submetidos a uma anamnese criteriosa, que pudesse descartar qualquer interferência orgânica, neurológica, psiquiátrica, auditiva e de doenças em geral da criança, que pudessem comprometer os dados fonológicos.

O sujeito estudado não tem irmãos e tem como cuidadora por seis horas diárias a avó materna.

Foi estabelecido previamente um cronograma para que as entrevistas pudessem ser monitoradas respeitando um intervalo de tempo de aproximadamente 15 dias. Além disso, o cronograma previa um ciclo de coletas que intercalava a coleta da fala espontânea com a coleta por instrumento específico, conforme demonstra a tabela abaixo.

## Tabela 2

Cronograma

| Entrev.        | Data           | Idade | Tipo de coleta    | Duração da coleta    |
|----------------|----------------|-------|-------------------|----------------------|
| 1 <sup>a</sup> | 15 / 04 / 2009 | 3:5   | Fala espontânea   | 21'35"               |
| 2 <sup>a</sup> | 30 / 04 / 2009 | 3:5   | Figuras temáticas | 16'36"               |
| 3 <sup>a</sup> | 13 / 05 / 2009 | 3:6   | Fala espontânea   | 23'45"               |
| 4 <sup>a</sup> | 05 / 06 / 2009 | 3:7   | Figuras temáticas | 8'56", 4'46" e 2'48" |

### 2. Dados da Coleta

O presente estudo longitudinal trata de uma criança que foi avaliada através do instrumento Avaliação Fonológica da Criança, proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991).

Durante as coletas, a criança mostrou-se bem interagida, desinibida, não demonstrando desconforto à gravação. A primeira coleta foi apenas interação entre a mãe e a criança, sem interferência do pesquisador, descartando-se assim o viés que poderia ser atribuído quanto ao objetivo do trabalho e para que os dados pudessem ser comparados com os do instrumento.

A segunda coleta compreendeu a avaliação fonológica através do instrumento supramencionado, tendo como apoio algumas miniaturas para elicitare eventuais palavras não produzidas espontaneamente pela criança.

Este tipo de coleta teve como objetivo verificar se a criança realizava a epêntese em maior número em fala espontânea gerada pela interação da mãe, ou seja, em ambiente familiar ou em ambiente de entrevista, frente a um gravador e ao pesquisador.

O que se pôde observar foi que a criança não mostrou diferenças de produção, o único diferencial foi o tempo das coletas que foram menores quando coletadas com instrumento.

Neste sentido se deu a coleta dos dados, fazendo com que houvesse um ciclo entre os dois tipos de abordagens.

A coleta foi realizada por uma fonoaudióloga, gravada com um gravador digital apropriado e transcrita imediatamente após à gravação, para que observações não fossem perdidas.

Como o estudo tem como foco a ocorrência ou não da epêntese, optou-se por realizar apenas a transcrição fonética e a marcação dos ajustes, descartando-se a variabilidade de produção, a análise por traços e a análise por processos como um todo, sendo de maneira qualitativa a análise dos dados.

### *Resultados e Discussão*

Através da análise da transcrição fonética pode-se observar a realização das seguintes estratégias de reparo.

#### **Tabela 3**

Estratégias de Reparo Realizados pelo Sujeito

| <b>Estratégias de Reparo</b>              | <b>Exemplo de produção</b>  |
|---|-----------------------------|
| Apagamento da líquida em C <sub>2</sub>   | bicicleta → [bisi'kɛta]     |
| Epêntese                                  | placa → [pa'laka]           |
| Anteriorização                            | chinelo → [si'nɛlo]         |
| Apagamento de sílaba tônica               | torneira → [tornu]          |
| Substituição de líquida por outra líquida | mergulho → [mer'gulo]       |
| Assimilação de consoante                  | lapizão → [la'pãw]          |
| Semivocalização                           | trator → [ta'toj]           |
| Posteriorização                           | sujei → [ʃu'ʒej]            |
| Substituição de vogal por outra vogal     | parafuso → [para'fuzu]      |
| Apagamento de coda nasal medial           | completamos → [kople'tamos] |



O levantamento dos dados baseou-se em uma abordagem qualitativa, sendo verificados os seguintes aspectos a respeito dos dados objetivos:

- a) Não houve ocorrência do OC, plenamente justificável pela idade do sujeito, já que a aquisição desta estrutura se dá próximo aos cinco anos de idade.

Embora não tenha sido verificada nenhuma ocorrência, cabe ressaltar que alguns ambientes podem ser considerados favoráveis para a ocorrência de CCV. Para a estrutura C/l/V são as seguintes: a) núcleo com a vogal “a” ou “i”, e b) plosiva labial surda. E para a estrutura C/r/V, observam-se as seguintes: a) obstruinte labial e sonora; b) CCV em *onset* medial, sendo o elemento antecedente a vogal /o/; c) sílaba fraca do pé métrico do acento; d) vogal da sílaba CCV ser /i/, /u/ ou /a/ (Ribas 2004, p. 162).

- b) Houve cinco ocorrências de epêntese num montante de 102 possibilidades, não sendo significativas para uma análise quantitativa, porém fica evidente que esse processo está presente no sistema fonológico do sujeito.

Quando pensamos em processos fonológicos, pensamos em estratégias de reparo que possam facilitar a produção de algo mais complexo. Porém vemos que um dos processos utilizados na aquisição fonológica é a epêntese, que caracteriza-se por uma manobra complexa, pois há acréscimo de fonema, e não uma redução. Então nos questionamos: por que uma criança faz epêntese, tornando um CCV em CVCV, em vez de fazer uma redução de encontro consonantal? Parte-se da hipótese de que esta criança poderá estar mais sensível à estrutura da sílaba do que àquela que realiza a redução de encontro consonantal. Deste modo, o sujeito estudado realiza uma estratégia de reparo mais complexa.

Poderia se pensar, ainda, que tal processo fonológico é uma pré-etapa da aquisição plena do OC. Assim, a epêntese seria observada no período de variação pelo qual a criança passa antes de estabelecer o segmento ou estrutura. Neste caso a criança faz [paratu] em vez de [patu], pois ela sabe que deve ser preenchido o lugar que /r/ irá ocupar posteriormente na posição de C<sub>2</sub>. E isto reflete o conhecimento que a criança tem da língua.

- c) Não foi verificada nenhuma preferência por OC específico mas, das cinco ocorrências de epêntese, três implicam na estrutura C/r/V, e as outras duas, na estrutura C/l/V. Além disso, observou-se que em quatro das cinco ocorrências houve a duplicação da vogal /r/ contida no núcleo da sílaba complexa e em apenas uma ocorrência nos mesmos moldes para a vogal /e/. Pode-se ainda verificar uma outra ocorrência atípica com relação às verificadas acima, não se tratando da inserção de uma vogal na sílaba complexa, mas sim, na coda: ‘açúcar’ → [asukaɾa].

Com relação à preferência entre C/r/V e C/l/V, Ribas (2004) afirma que durante a aquisição do CCV, a criança demonstra que está lidando com o domínio da sílaba e não apenas dos segmentos que compõe a sílaba, já que ambos os grupos são adquiridos simultaneamente.

- d) Não ocorreu a palatalização das coronais quando em redução de encontro consonantal, sugerindo que a criança tem um conhecimento do sistema fonológico, prevendo a inserção de um fonema futuramente.

Para isso, Lamprecht (2004) ressalta que a fala da criança mesmo com desvio fonológico tem uma fonologia, pois embora haja aspectos que marcam a atipia, há também um sistema organizado em que os fenômenos atuam em uma classe de sons, de traços e de estruturas silábicas.

- e) Aquisição incompleta dos fonemas /ʃ/ e /ʒ/, sendo observada a coocorrência de /s/ - /ʃ/ e /z/ - /ʒ/, embora /s/ apareça mais vezes.

Esta ocorrência pode ser justificada pelo fato de a aquisição do fonema /r/ ocorrer apenas com dois anos e dez meses de idade em *onset* medial e com três anos e seis meses em *onset* inicial (Oliveira et. al. 2004). Verifica-se nos dados que em ambas as posições ocorrem variações, embora a ocorrência da anteriorização predomine na posição de *onset* inicial corroborando com os dados da aquisição típica.

## *Conclusão*

O trabalho levantou aspectos relevantes da ocorrência da epêntese no processo de aquisição e desenvolvimento fonológico. Pode-se inferir que o domínio do *onset* complexo é tardio comparado à aquisição segmental e ainda que a aquisição plena desta estrutura é guiada pela sílaba (Ribas 2006), ou seja, a direcionalidade opera no sentido *top down*, conforme defesa de Freitas (1998).

O estudo obteve sucesso em responder a primeira pergunta proposta: Sim, ocorre epêntese durante a aquisição fonológica normal. Com relação à segunda pergunta pode-se levantar a hipótese de que esta ocorrência trata-se de uma estratégia complexa de reparo em que a criança é sensível a estrutura complexa e não ao segmento isolado.

Por fim, espera-se que este estudo venha contribuir para o entendimento da epêntese no contexto CCV, já que o trabalho demonstra como a aquisição desta estrutura ocorre e de que maneira a epêntese pode ser vista na aquisição fonológica típica, não como um processo fonológico operante, observado em crianças com desenvolvimento fonológico desviante, mas considerada como uma pré-etapa da aquisição plena da estrutura complexa se estabilizada espontaneamente.

## Referências

- Albano, Eleonora Cavalcante. *O gesto e suas bordas. Esboço de fonologia acústica-articulatória do português brasileiro*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- Freitas, Maria João. “Os segmentos que estão nas sílabas que as crianças produzem: localidade silábica e hierarquia de aquisição.” *In.: Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*, v.1, Lisboa, 1998.
- Lamprecht, Regina Ritter. “Desvios Fonológicos: evolução nas pesquisas, conhecimento atual e implicações dos estudos em Fonologia Clínica.” *In: Lamprecht, R. R. (Org.) et al. Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- Lamprecht, Regina Ritter. (Org.) et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Matzenauer, Carmen Lúcia Barreto. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. *In.: Lamprecht, Regina Ritter. (Org.) et al. Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Oliveira, Carolina Cardoso, Mezzomo, Carolina Lisbôa, Freitas, Gabriela Menezes de, Lamprecht, Regina Ritter. “Cronologia da aquisição dos segmentos e das estruturas silábicas.” *In.: Lamprecht, Regina Ritter (Org.) et al. Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Ribas, Letícia Pacheco. *Onset Complexo nos Desvios Fonológicos: descrição, implicações para a teoria, contribuições para terapia*. Porto Alegre: 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 2006.
- . *Aquisição do onset complexo no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUCRS, Faculdade de Letras Porto Alegre, 2002.

---. Sobre a aquisição do *onset* complexo In.: Lamprecht, R. R. (Org.) et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Spíndola, Rafaela de Almeida; Payão, Luzia Miscow da Cruz.; Bandini, Heloísa Helena Motta. “Abordagem Fonoaudiológica em Desvios Fonológicos Fundamentada na Hierarquia dos Traços Distintivos e na Consciência Fonológica.” *Revista CEFAC*, São Paulo, v.9, n.2, 180-9, abr-jun, 2007.

Yavas, Mehmet S.; Hernandorena, Carmen L. Matzenauer.; Lamprecht, Regina Ritter. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Yavas, Mehmet. *Phonology development and disorders*. San Diego: SPG Inc., 1998.

How to cite this article according to the *MLA Handbook for Writers of Research Papers* (7th edition):

Ramos, Ananda. “Um olhar da epêntese na aquisição fonológica.” *Pterodáctilo* 7 (2009): n. pag. Web. Day Month Year.